

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - UFPR

**GESTÃO DO MEDO E O CAPITALISMO: A influência do medo na
vida do trabalhador numa sociedade movida pelo capital**

CURITIBA

2011

FLÁVIA DAIANE LINS

**GESTÃO DO MEDO E O CAPITALISMO: A influência do medo na
vida do trabalhador numa sociedade movida pelo capital**

Projeto de Monografia a ser apresentado à título de Especialização da Psicologia do Trabalho da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação da Universidade Federal do Estado do Paraná, desenvolvido sob a orientação da Professora Dra. Maria Virginia Filomena Cremasco.

CURITIBA

2011

AGRADECIMENTOS

Aos mestres que me auxiliaram e tiveram paciência com os imprevistos durante o curso, além do meu crescimento como pessoa e no conhecimento acadêmico.

Aos familiares que deram apoio e acreditaram no meu esforço.

E principalmente a Deus por estar iluminando meu caminho.

RESUMO

O objetivo desse trabalho é demonstrar na medida em que o sistema capitalista foi reestruturando os novos modelos de produção junto com reorganização da relação homem e o trabalho novas exigências foram estabelecidas. Levar em consideração as teorias filosófica de Marcuse em especial sua conceitualização de repressão e mais-repressão. Analisar desse modo com a utilização do fator medo auxilia no processo de repressão dos instintos do homem. No decorrer desse trabalho a gestão pelo medo demonstrará quais as ferramentas e as consequências utilizadas e sofridas pelo trabalhador. Com base na interpretação de Marcuse o sistema capitalista torna o homem alienado ao seu trabalho isso é possível graças a repressão dos princípios pelo qual o homem é regido: prazer e realidade. A problemática do medo na vida do trabalhador vai além da relação que este tem com seu emprego ingressa na vida particular. Dessa forma, pretendeu-se demonstrar e justificar a relação medo, capital e homem. Contudo exprimir o resultado forçoso do medo na vida do homem e a concepção de uma felicidade e libertação incerta.

Palavras-chaves: Capital, Medo, Repressão, Trabalhador.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	6
2	Capítulo I	11
2.1	<i>Capitalismo e a mercadoria chamada Homem</i>	11
3	Capítulo II	16
3.1	<i>Trauma do nascimento: Princípio do prazer e o princípio da realidade</i>	16
4	Capítulo III	22
4.1	<i>Princípio de repressão: Renúncia do princípio de prazer</i>	22
5	Capítulo IV	28
5.1	<i>A noção do trabalho para a sociedade</i>	28
6	Capítulo V	36
6.1	<i>A importância do tempo para o homem-trabalhador</i>	36
7	Capítulo VI	41
7.1	<i>Descrição do Inconsciente: Id, Ego e Superego</i>	41
8	Capítulo VII	45
8.1	<i>O sofrimento psíquico</i>	45
	CONCLUSÃO	47
	REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

Diversos estudos na área de trabalho tem abordado o tema do sofrimento psíquico nas organizações em suas múltiplas facetas.

O objetivo geral deste trabalho é refletir teoricamente sobre como a pressão sofrida pela polivalência e pluralidade do trabalhador gera consequências para a vida do indivíduo.

O problema de pesquisa indaga: como os agravos sofridos pelo trabalhador e a gestão pelo medo, amplamente utilizada, transformou-se em ferramenta para retenção dos profissionais ou retenção ao sistema que vem sendo reconstruído com a ajuda do próprio trabalhador?

Busca-se o entendimento dos sentidos do trabalho, sem deixar de compreender as contradições envoltas a esse mundo levando em consideração não só o individual, mas o coletivo.

Desvelar a dinâmica do trabalho implica uma aproximação na teorização. Parte-se de uma revisão bibliográfica com o intuito de entender os efeitos do medo gerado pela imposição do capitalismo e o que isso influencia na vida do homem trabalhador.

Para contribuir para o desenvolvimento deste trabalho na questão do medo, busca-se auxílio nos textos e ideias de Christophe Dejours, um dos mais importantes escritores sobre psicopatologia do trabalho. Suas obras são uma das mais influentes nos estudos referente ao sofrimento no trabalho, mais especificamente em “A Banalização da Injustiça Social” de 1999.

Serão utilizadas também algumas ideias de Herbert Marcuse, em especial da sua obra “Eros e a Civilização” de 1972, que interpreta o pensamento de Freud por intermédio de uma teoria de sociedade livre que objetiva desenvolver um homem livre para uma nova realidade.

Neste estudo sobre o medo focalizam-se as normas do capitalismo conforme a obra de Catani, “O que é capitalismo” de 1984, que aborda as duas correntes mais importantes do capitalismo que são as de Max Weber, que traz do calvinismo uma concepção religiosa do trabalho, condenando “tudo aquilo que é desperdício ou esbanjamento” e valorizando o trabalho como fonte de adoração e riqueza criada por esse trabalho.

A mudança constante do cenário que o trabalhador está inserido, o processo de evolução tecnológica, agilidade de informações, o domínio do conhecimento e concentração e por muitas vezes a centralização do capital nas mãos da classe dominadora, ou seja, nas mãos de poucos leva-nos a indagar: como isso afeta a vida do trabalhador? Poderia isso contribuir para acentuação do poder e a perda da identidade?

Neste plano de reflexão cresce a insegurança quanto ao futuro do trabalhador, o aumento do volume de trabalho, o ter que produzir mais em menos tempo, exige-se que o trabalhador seja multifuncional.

Ao preço da evolução, o próprio homem mutila-se para crescer, submete-se a pressões competitivas e as constantes modificações dos critérios de administração impostas pelo mercado de trabalho e pelo próprio homem.

O homem se adapta à sociedade e ao domínio social de uma civilização repressiva, Marcuse busca soluções para essa dominação sendo um dos grandes e mais importantes filósofos e sociólogos da Escola de Frankfurt. O autor segue uma linha marxista que luta pela libertação do Eros e pela repressão das pulsões agressivas para ter uma sociedade justa e igualitária. Sobre o livro que aqui nos baseamos ele o expõe da seguinte maneira:

Este ensaio emprega categorias psicológicas porque elas se converteram em categorias políticas. A fronteira tradicional entre a psicologia, de um lado, e a política e filosofia social de outro, tornou-se obsoleta em virtude da condição do homem na era presente: os processos psíquicos anteriormente autônomos e identificáveis estão sendo absorvidos pela função do indivíduo no Estado - sua existência pública. (MARCUSE, 1972, p. 25)

A junção da psicanálise de Freud e o marxismo fundamentam o capitalismo, sua evolução e a exploração do trabalhador na visão do Marcuse (1972). Freud com a visão do indivíduo na construção da subjetividade, base psíquica, Marx representa o “todo”, base social, explica a exploração do indivíduo, no modo de produção capitalista. Assim traz com riqueza duas perspectiva distinta de uma mesma realidade.

Marcuse (1972) conceitua uma sociedade opressiva e consumista que através da exploração de falsas necessidades conserva seu poder de manipulação. O autor preza pela revolução para que haja mudanças sociais, limpando os olhos e voltando-os para as verdadeiras necessidades.

No livro “Eros e a Civilização” de 1972, Herbert Marcuse afirma que o excesso de repressão eleva o sentimento de culpa que impulsiona o trabalhador à irracionalidade utilizada pela civilização capitalista.

Marcuse serve-se do Marxismo como crítica ao modo de produção capitalista que representa o universal; e da psicanálise de Freud, surge através da interação com outros indivíduos com o grupo, representa o particular. Enquanto um denuncia a exploração do indivíduo outro mostra a dimensão desse processo na subjetividade do indivíduo.

Para Karl Marx, o capitalismo tem como base a troca conforme a necessidade do indivíduo traz conceitos como força de trabalho transformada em mercadoria e a “Mais-Valia”, como afirma Catani (1984).

Ou seja, o capitalista consome a força de trabalho fazendo com que ela trabalhe e produza um dia normal de 8 horas. Todavia, o capitalista paga por 4 horas de trabalho, mas recebeu 8. As 4 horas que não foram pagas, as horas de trabalho excedente, são a mais-valia do capitalista. Essa troca desigual, repetida milhares de vezes com milhares de operários ao longo dos anos, é a mola e essência desse sistema de exploração. (CATANI, 1984, p. 37)

Com uma linguagem simples o autor expõe essas duas teorias essenciais para a existência do capitalismo fornece uma visão generalista, visto a necessidade de explicar e justificar a prática exercida pelo mundo do trabalho que despreza e considera como ações supérfluas: o prazer e o gozo de atividades fora do trabalho.

Na primeira parte desse trabalho é pertinente ilustrar a concepção do capitalismo e a utilização da força de trabalho para geração de riquezas, quando o homem não se reconhece mais no produto que ele mesmo produz, como se forma o valor dado à sua força de trabalho que resulta na supervalorização do trabalho. Catani (1984) traz informações pertinentes ao capitalismo quando ocorre a concentração dos meios de produção e suas complicações.

Para nortear a relação do homem com a realidade do trabalho, a psicopatologia do trabalho vem ao encontro com a questão do medo e trabalho. O medo está presente em todas as esferas do trabalho.

Dado a complexidade do tema, Dejours (1999) auxilia no entendimento do sofrimento e medo e aborda questões a respeito da organização do trabalho e dos impactos na saúde mental do trabalhador.

Sobre a relação medo e trabalho segundo autor:

O elemento decisivo que faz o trabalho propender para o bem ou o mal, no plano moral e político, é o medo. Não o medo em geral, mas o medo que se insinua na própria atividade do trabalho. Seja quando uma atividade inspira medo, como no Exército, nas minas, na construção civil, onde o medo estrutura o próprio trabalho; seja quando a atividade é *poluída* pelo medo, como na ameaça de precarização utilizada, *larga manu*, nos grandes estabelecimentos da atualidade. (DEJOURS, 1999, p. 141)

Para o autor, a precarização do trabalho seria pela adversidade gerada pela manipulação do capital. Há um enfoque na transformação do medo e sofrimento no trabalho em uma atividade prazerosa. Para Marcuse (1972), somente a satisfação das pulsões poderia tornar o indivíduo livre e feliz.

Seguindo a trajetória do capitalismo que transforma e define a força de trabalho como uma simples mercadoria de troca, Marcuse (1972) desenvolve ideias sobre a evolução da sociedade rumo ao progresso e suas implicações para o trabalhador. Ilustra teoricamente como a forma de poder capitalista embute a repressão no indivíduo e recondiciona o sentimento de prazer ao longo da história.

No primeiro capítulo se faz necessário entender o sistema que norteia nossa realidade, o capitalismo. E como ao longo da história, o homem e a sua transformação em moeda de troca, mercadoria. Explorar os conceitos do capitalismo e como ele é perpetuado e estimula a criação de trabalhadores não pensantes, passivos e flexíveis. O importante é compreender que o homem é fruto do próprio homem.

Finaliza-se esse capítulo com os diversos e novos conceitos para o aumento da produtividade.

No capítulo dois será explicado como a construção e a estruturação da identidade têm como base o trabalho e a implicação na adaptação diante do princípio de prazer ao princípio de realidade. Desejando entender os desgastes, físicos ou mentais, do trabalhador e como ainda assim, a maioria dos indivíduos de uma sociedade capitalista não deseja ficar sem trabalhar.

No capítulo três, o conceito do princípio de repressão serve-se da crise existencial acerca do homem que busca insaciavelmente satisfação de suas necessidades tornando-o vítima fácil do capitalismo, como não adquire faculdade sozinho para superar a busca por gratificação a empresa aproveita-se e cria-se mecanismos para reter e controlar os instintos naturais do homem com base na

repressão.

No capítulo quatro é desenvolvida a noção do trabalho para a sociedade, a insegurança no amanhã, perguntas como: será possível suprir as minhas necessidades básicas? Isso que assombra a vida do homem e remete o trabalhador ao comodismo e conformismo. O medo é instaurado de tal maneira que o trabalhador só sente segurança no trabalho. O desafio de lutar contra esse sentimento é logo rejeitado e dá espaço para a desistência perante sua satisfação. O medo objetiva não efetivar a esperança e desejo, recolhe e aniquila todas as expectativas, assim, não coopera para a tão desejada realização do homem.

No capítulo cinco fala-se da importância do tempo para o homem trabalhador, a relação do processo de trabalho x poder imposta pelas empresas e controlada por ela através do tempo. Esse processo de controle é intensificado não somente no tempo dedicado ao trabalho, mas nas formas de lazer que a própria empresa traz para a vida do homem, desse modo o tempo livre também é controlado.

No capítulo é descrito o inconsciente regido pelo id, Ego e Superego. Os processos consciente e inconsciente podem aprisionar o homem ao medo para assim reger seus pensamentos e ações. A forma de dominação, direta ou indireta, ocorre nos processos inconscientes. A sociedade cria uma rede “imaginária” para exercer uma autoridade coercitiva e repressora.

Embora as forças externas punçionem o homem a reprimir seus desejos, há uma atividade mental que interfere no consciente. O desejo do homem em satisfazer suas necessidades e superar o medo resiste no inconsciente de cada um.

No último capítulo é abordado o sofrimento psíquico e o problema do medo que passa despercebido por ser oculto, ignorado e banalizado. As possíveis estratégias defensivas tornam-se mecanismos de naturalização do medo e das injustiças. A prática do medo reduz o trabalhador a sujeição e obediência. O medo cria estímulos para o sofrimento do homem.

Conclui-se que os padrões pré-estabelecidos pela sociedade fazem com que o homem consiga superar parcialmente o medo e saciar, não na sua totalidade, seus desejos, contudo as imposições continuam a provocar o sofrimento no trabalho.

2 CAPÍTULO I

2.1 CAPITALISMO E A MERCADORIA CHAMADA HOMEM

No Brasil, as inovações tecnológicas que norteiam os modelos organizacionais, programam sistemas de qualidade total e nessa reengenharia que menospreza ao mesmo tempo é exigida a participação e uma intervenção do trabalhador para que o processo seja realizável.

Sucinta explicação dos primórdios do capitalismo e suas implicações incorporadas no mundo do trabalho e suas consequências para o trabalhador.

Os primeiros trabalhadores trabalhavam dentro do limite aceito por seu corpo e mente, conforme sua capacidade e tempo, não visavam lucro. O homem produzia para o seu sustento e era o dono de sua mercadoria, que estava sob sua responsabilidade. Encontrar seus materiais para produzir sua mercadoria, todo o gasto e os meios para adquirir a matéria prima advinham do próprio homem e o valor que recebia em troca era dele também. Sendo assim, ele era o responsável pela sua renda, gerada pela sua força de trabalho.

Quando o homem começa a produzir mais do que o necessário para seu sustento desenvolve-se um sistema de “intercâmbio”, eu troco o que produzo com algo que o outro produz.

Antes da existência da moeda/dinheiro fazia-se necessário o sistema de troca para o sustento dos integrantes da sociedade, pois, quem produzia roupas não produzia alimento, porém todos necessitam de roupas e de alimentos, quem produzia roupa trocava com quem produzia alimento por quanto julgava valer seu trabalho, baseando-se pelo tempo de produção.

Com o progresso da sociedade foi sendo impostos novos conceitos e normas e facilitando a formação de grupos e possibilitando a dominação de alguns sobre outros. Grupos mais fortes e com poder começam a dominar os mais fracos, que sem recursos de defesa permitem a apropriação do seu trabalho, da força de trabalho.

Quando o homem, artesão, fabricava algo ele conhecia do começo ao resultado final, a mercadoria. Era especialista. Com a fragmentação do trabalho o artesão deixa de ser dono da sua produção para ser uma simples peça na

fabricação das mercadorias, este trabalho e ele mesmo já pertencia a outra pessoa, o capitalista, já não era mais possível enxergar-se no seu produto final.

O trabalho era realizado em casa e individualmente, o trabalhador era especialista no que produzia, mas era um processo demorado. Com a grande demanda de produção descobriu-se que era mais produtivo tirar o artesão de sua casa e concentrá-lo com outras pessoas.

Desse modo, foi possível segmentar a produção, cada pessoa produzia um pedaço, assim produziram mais rápido e mais produtos, otimizando o processo. Surge uma nova organização do trabalho na qual o artesão necessita da matéria-prima que agora lhe é cedida pelo empregador. Começa a transformação do artesão em empregado. Na visão de Catani,

...o trabalhador foi forçado a procurar o capitalista para vender-lhe a sua força de trabalho, em troca de um salário. O artesão transformou-se em assalariado, passando a vender a sua força de trabalho, por dia, por semana, por mês... surgia deste modo a grande massa proletarizada e pobre das cidades, cuja única mercadoria são os seus músculos e o seu cérebro. (CATANI, 1984, p. 35)

A classe trabalhadora passou a depender do sistema capitalista, os artesões foram perdendo e sendo separado de seus meios de produção, o único meio de ganhar o seu sustento foi vendendo sua força de trabalho para os proprietários dos meios de produção que prezavam mais pela capacidade física do que a própria capacidade mental do trabalhador que passou a depender do trabalho assalariado para conseguir a subsistência.

Surgem assim as divisões de classes em duas distintas: uma pequena parte que retém o poder, denominada de capitalista (os donos dos meios de produção), e outra de maior número, que são os trabalhadores (proletariado que vende sua força de trabalho). A maioria trabalha para enriquecer a minoria acentuando cada vez mais a desigualdade social que distancia os pobres dos ricos, realidade esta que predomina até hoje.

O ponto central do capitalismo é obtenção de lucro. O poder exercido pelo capital reduz o homem ao trabalhador não pensante apenas para que produza sem questionamento uma mercadoria. Ele é explorado, tem sua vida roubada e danificada por esse sistema que busca sempre maior rentabilidade para os mais fortes e que propõe alternativas de aumentar os meios de obtenção de lucro e poder.

O lucro é proveniente da produção de mercadoria. Quando a mão de obra torna-se uma mercadoria surge o conceito de mais-valia, que sucintamente equivale ao lucro originário do trabalhador. O capitalista obtém seu lucro nos bens que são produzidos conjuntamente com o tempo disponibilizado pelo trabalhador para a produção dos mesmos.

Dirigindo o olhar para os dias de hoje o sistema capitalista criou ao longo da história mecanismo de controle para reprimir o trabalhador de tal forma que o faz perder e/ou moldar sua personalidade e o incentiva a acreditar que o *status quo* é bom, porque desse modo torna-o indiferente, com atuação nula nos questionamentos das práticas e técnicas de produção.

O homem não se imagina de outra forma a não ser vendendo sua mão de obra, não vê alternativas para obter sustento que não seja através do seu salário, o trabalhador não se encontra imune às leis impostas pelo mercado de trabalho que incluem greves, desemprego, luta pelo aumento de salário (que não cresce com a mesma velocidade dos preços).

O capitalismo vende a ideia de contínuo progresso, contudo, objetiva como já visto anteriormente, o lucro. Segundo Catani (1984, p. 63), "Pretendia-se, através desse sistema econômico, alcançar "a riqueza das nações" e a felicidade geral.", mas o que se comprou foi felicidade sim, mas para poucos. Com o passar do tempo a liberdade do indivíduo foi corrompida pelo Sistema.

Os fatores e desenvolvimento econômicos e tecnológicos são expressos pelo modo como os bens são produzidos e tal como os bens são distribuídos acabam sendo o alicerce para a formação política, moral e cultural da sociedade.

Dessa maneira os trabalhadores teriam liberdade para construir a própria história, mas no mundo capitalista essa liberdade não se concretizou.

A classe trabalhadora não construiu sua própria história pelo contrário, foi manipulada e escrita por uma classe dominante que prega o consumismo.

O Sistema esmaga as empresas e seus trabalhadores, para sobreviver têm que cumprir um processo sem fim, redescobrir-se e se superar a cada ano, a cada mês. Este Sistema dita como serão nossos sonhos, desejos, sentimentos, emoções e como constituímos nossas histórias.

A escravidão apenas mudou de cenário e de forma. O capitalismo promete uma vida confortável, mas esmaga os trabalhadores que desejam conforto,

felicidades e riquezas; que se depara com problemas, reações explosivas, com medo do presente e do futuro, com dores físicas e fadiga. Pregando e promovendo a superficialidade do ser humano.

O sistema invade a privacidade, uma hora você tem sucesso e noutra você cai na insignificância.

O consumismo trai seus seguidores, os trabalhadores que vivem em função das suas empresas e são asfixiados com preocupações constantes fora da empresa, em seus “tempos livres” em casa, no fim de semana, etc.

O sistema reduz os trabalhadores a simples máquinas de produção e reprodução, coloca-os como mecanismo de manutenção da estrutura social. Entende-se que o indivíduo não é livre em relação aos seus gostos, seu pensar nem ao menos no seu corpo.

A automação e a robótica possibilita como visto uma reorganização dos padrões e controle da força de trabalho impetuosamente. As transformações relacionadas ao avanço tecnológico ocorrem num ritmo acelerado.

Aceitação destas inovações tecnológicas representa um aumento bem significativo da produtividade, com as substituições de tarefas antes manuais em que era exigido um esforço físico do trabalhador e que deu espaço às máquinas. Neste momento despreza o que antes eram necessários cinco funcionários para produzir algo, hoje um trabalhador e uma máquina são suficientes. Não há somente a eliminação de tarefas penosas como também redução de pessoas nos postos de trabalho.

Ainda assim, o bem-estar e o desenvolvimento do trabalhador são condizentes ao crescimento econômico das empresas, em muitos casos isso ocorre desregulamente, favorecendo os donos do meio de produção.

Essa diferença tem imponência à submissão do trabalhador aos regimes desumanos e degradantes, as empresas não oportunizam uma vida mais saudável e digna, os salários não são compatíveis e divergem aos seus conceitos, fazem com que o trabalhador execute tarefas que vai contra aquilo que acredita.

Contudo, o estudo deste trabalho almeja um melhor entendimento e compreensão das fontes de sofrimento, em particular, sobre as fontes do sentimento de medo do trabalhador e como ele é (re) produzido e explorado no sistema capitalista.

Dando continuidade, segue a visão de Marcuse (1972), e a explicação de

como ocorre as representações do medo e sofrimento, de acordo com as experiências vivenciadas pelo indivíduo trabalhador seja de prazer ou desprazer que dependem da sua subjetividade.

3 CAPÍTULO II

3.1 *TRAUMA DO NASCIMENTO: PRINCÍPIO DO PRAZER E O PRINCÍPIO DA REALIDADE*

Neste capítulo, pretende-se demonstrar a problemática do trabalho como fonte de prazer e desprazer.

Por um lado o trabalho é um elemento de inserção social, por outro é fonte de sofrimento e alienação que dificulta o reconhecimento do processo de dominação social.

A dominação social tem formas de ameaças que são intimidatórias, coercitivas e punitivas. Todavia a vivência no trabalho deve do ponto de vista ideal, constituir-se em fonte de prazer, realização e liberdade.

Como descrito anteriormente, o cenário atual é favorável à gestão pelo medo, que propicia uma maior adesão do homem ao sistema capitalista. Mesmo que a questão do sofrimento esteja inerte, o trabalhador não tem a possibilidade de escolher a forma que seu trabalho será realizado.

A maior parte dos indivíduos não se vê vivendo sem trabalho, pois o produzir aspira ao sentimento de valorização e reconhecimento mesmo com o controle e a exploração da dominação o trabalhador cria estratégias que anseiam dominar o trabalho para não ser dominado por ele.

Inicia-se explanando sobre o nascimento como um trauma para elucidação de como os sentimentos penosos ficam registrados na psique do bebê e podem perpetuar na vida do indivíduo trazendo várias consequências para sua realidade particular e realidade no ambiente de trabalho, interferindo no individual e sua convivência na vida coletiva. Em seguida, situa-se como o sistema manipula as realidades interna e externa do trabalhador.

O nascimento é a considerada a primeira situação estressante do indivíduo, quando o bebê vem ao mundo desperta novos e desconhecidos sentimentos, tais como: o medo, a impotência e o abandono.

O ambiente familiar interfere nesse processo de trauma do nascimento, complicação na gestação, sentimentos como a angústia da mãe, rejeição dos pais ao bebê, discórdia do casal junto com primeiro contato com o mundo externo que o bebê é recebido, tudo isso pode influenciar de forma negativa na formação do EU.

Quando esses sentimentos não são devidamente suprimidos causam diversas sensações como o pânico, stress e dor.

Estes sentimentos ficam registrados na psique do bebê e podem perpetuar na vida do indivíduo trazendo várias consequências para sua realidade particular e realidade no ambiente de trabalho interferindo no individual e sua convivência na vida coletiva.

O primeiro contato com o medo parte do nascimento do homem, que experimenta pela primeira vez o desprazer, um estado de angústia que não consegue controlar sozinho. Neste momento incontrolável, busca libertar-se desse instante traumático através do colo da mãe que lhe liberta de tal estado.

Desse modo, o medo é uma reação a uma exposição ao perigo que é recebido pelo homem e é capaz de desencadear em um instante aquele sentimento incontrolável de angústia vivenciado no trauma do nascimento.

Do nascimento à vida adulta, a sensação de desamparo prossegue na vida do trabalhador, quando a empresa não corresponde às expectativas e/ou despreza o bem-estar do trabalhador, isto ocasiona a perda da satisfação. De acordo com Marcuse (1972, p. 34), “O indivíduo chega a compreensão traumática de que uma plena e indolor gratificação de suas necessidades é impossível”.

A condição de desamparo é determinada pela evolução das técnicas de produção na história do capitalismo como se viu no capítulo anterior, portanto, isso tudo resulta no agravamento das doenças já existentes, causadas pela perda de interesse pelo trabalho e principalmente, pelo prazer (ou seria o desprazer?) de trabalhar. Essa nova realidade atinge vários trabalhadores, indiferente de sua posição na empresa ou classe social.

Na infância o homem é tomado unicamente pelo princípio de prazer, no amadurecimento do homem, ele aprende a negar e adiar esse prazer em favor da sociedade; aprende suportar o desprazer à espera de uma gratificação. Assim, nasce o princípio de realidade, na necessidade do homem viver socialmente.

O contato com essa nova realidade é crescente o sentimento negativo em relação ao futuro, o sentimento de medo e a redução da libido que são utilizados pelas empresas para sucumbir o trabalhador ao seu interesse próprio, sendo que a quantidade e qualidade do processo produtivo preza unicamente pelo ganho, o lucro monetário. Através do princípio de realidade a espontaneidade dá lugar a dominação social.

Para Marcuse (1972, p. 35), “Sob o princípio de realidade, o ser humano desenvolve a função da *razão*: aprende a “examinar” a realidade, a distinguir entre o bom e mau, verdadeiro e falso, útil e prejudicial.”. O homem se torna um ser pensante, consciente de seus atos, apto a escolhas e a racionalidade é interiorizada. A *fantasia* fruto do princípio de prazer permanece intacta ao contrário da racionalidade que é determinada pelo ambiente exterior.

O sistema capitalista utiliza-se do princípio de realidade, para assim manipular a realidade, inconscientemente o trabalhador rende-se as armadilhas do empregador, por essa ser a realidade que lhe é infligida antes mesmo do seu nascimento. O eu-trabalhador já cresce com a visão voltada para o mercado de trabalho, que para se ter sucesso é necessário trabalhar mais do que pode e do que seu corpo seja capaz de aguentar e às vezes, abrir mão de sua convivência com amigos e familiares. Sua hora de lazer está condicionada às atividades relacionadas ao trabalho.

Com o declínio da consciência, com o controle da informação, com a absorção do indivíduo na comunicação em massa, o conhecimento é administrado e condicionado. O indivíduo não sabe realmente o que se passa; a máquina esmagadora de educação e entretenimento une-o a todos os outros indivíduos, num estado de anestesia do qual todas as ideias nocivas tendem a ser excluídas. E como o conhecimento da verdade completa dificilmente conduz à felicidade, essa anestesia geral torna os indivíduos felizes. (MARCUSE, 1972, p. 102)

O estado de ignorância é atrativo, pois nele as verdades mais eminentes são ocultadas.

O conhecimento transmitido é condicionado, para que melhor seja absorvido pela sociedade utiliza-se a comunicação em massa, para assim, atingir um maior número de pessoas. Marcuse diz:

O indivíduo não sabe o que realmente o que se passa; a máquina esmagadora de educação e entretenimento une-o a todos os outros indivíduos, num estado de anestesia do qual todas as ideias nocivas tendem a ser excluídas. E como o conhecimento da verdade completa dificilmente conduz à felicidade, essa anestesia geral torna os indivíduos felizes. (MARCUSE, 1972, p.102)

Nas escolas, nos programas de TV, *cases* de sucessos que revelam modelos de pessoas bem sucedidas profissionalmente e financeiramente que abriram mão de sua “vida” para alcançar esse sucesso.

Um caso de sucesso é de *Ângela Leonina dos Santos, que tem 40 anos e é Gerente Sênior de uma das divisões da área de Terceirização de Serviços de Recursos Humanos da Deloitte Touche Tohmatsu Brasil, ela relata*¹:

"Aprendi a ler aos quatro anos de idade. Dois anos depois, entrei na escola e desde então não parei de estudar. Graduei-me em Letras, Ciências Contábeis, fiz especializações e aprendo línguas. Também separo um tempo para outras aulas: dança árabe, canto e violão. Comecei a trabalhar com 17 anos em uma loja de construção onde fiquei por apenas três dias. Quando sai de lá, me senti frágil e impotente. Aprendi que precisaria dar o melhor de mim em qualquer circunstância. Entrei em uma empresa de engenharia, na qual fiquei por três anos. Apaixonei-me pela dinâmica das atividades e relacionamentos. Aos 21 anos, entrei em uma grande empresa de auditoria de onde sai só aos 30 anos como gerente líder de uma das áreas de negócios de Terceirização. Em toda essa trajetória, enfrentei as mais diversas crises. Assim como não há crescimento pessoal sem dor, também não há profissional. Algumas vezes, tive vontade de parar tudo e cuidar 100% dos meus filhos, ter um quiosque na praia... À medida que amadurecemos, conseguimos evitar grande parte dos problemas que geram crises, criando soluções mais simples. Minha carreira se solidificou com muito trabalho, dedicação, planejamento e boa dose de humor. Sem alegria e paixão não há crescimento. Ainda estou no meio do caminho. Quando comecei a trabalhar, planejava e até sonhava em ter um nível de autonomia para promover mudanças, buscar novas formas de trabalhar. Sob essa perspectiva, é como sempre imaginei."

Porém, esses *cases* muitas vezes não respeitam o indivíduo como único, com seu credo e com suas necessidades específicas, o conjunto de experiências e o meio no qual está inserido, na sua realidade, nossa história nos difere.

Para Marcuse (1972, p. 14), "O povo, eficientemente manipulado e organizado, é livre; a ignorância e a impotência a heteronomia introjetada, é o preço de sua liberdade" Os *cases* incutem caminhos para padronizar ações e manipular opiniões.

Essa indiferença reduz a capacidade de enxergar os outros panoramas, restringe o que queremos ser ao modelo que devemos ser; estimula o medo de não

¹ Exemplos de sucesso profissional. Disponível em: < <http://www.triada.com.br/dinheiro-e-carreira/dinheiro-e-carreira/aq176-225-983-3-exemplos-de-sucesso-profissional.html#anc-pagina>>. Acesso em: 11 outubro 2011.

conseguir ser aceito na sociedade; vincula o sentimento de prazer, satisfação e principalmente a felicidade ao sucesso obtido através do trabalho.

Esta rotulação traz danos para o indivíduo. Quando mais fortificado esse vínculo, mais o indivíduo estará impedido e sendo distanciado da sua liberdade de expressar seus sentimentos sem que eles sejam reprodução do que é dito como correto, que é externo ao indivíduo.

A escola é uma das grandes reprodutoras dos conceitos do sistema capitalista, que prepara o homem para o mundo do trabalho. O horário para chegar, o recreio e a saída são sinalizados por um sino, quem não seguir à risca os horários, procedimentos e as normas sofrerá punição, como advertência, suspensão e nos casos mais graves uma expulsão. A realidade no ambiente de trabalho não é diferente, há horários e procedimentos quando não feitos adequadamente, o trabalhador está sujeito a uma advertência, suspensão ou uma expulsão (nesse caso a demissão).

O crescimento pessoal é impossibilitado, na medida em que os sentimentos são canalizados em prol da empresa, nesse processo surge a dominação, o comprometimento e adesão voluntária ao trabalho, é sacrificante para o indivíduo, em razão que sua felicidade não depende dele mesmo, mas sim da empresa. Estar empregado remete ao um sentimento de segurança.

A exploração das emoções vem sendo utilizada para reter o trabalhador na empresa. O sistema capitalista “mascara” a realidade do trabalho que visa torná-la atrativa e aceita. Essa exploração tem resultados positivos, para a empresa, as pessoas vão moldando ao que lhe é concedida como o melhor.

O conformismo de não gostar do que faz, não gostar do ambiente no qual trabalha, não ter um bom relacionamento com os integrantes do grupo, entre outras situações, geram sentimentos como angústia, raiva, medo dentre outro, porque o capitalismo vende que se você tem emprego, você é feliz, ou que, tem que ser feliz.

A coerção e intimidação estimuladas pelo medo propagam-se pela sociedade capitalista. As técnicas de repressão apropriadas por alguns grupos propicia ao trabalhador uma falsa segurança desacreditada na mudança e acuado pelo próprio medo, fazem de tudo para não perder essa “segurança” e continua a viver numa sociedade empobrecida.

Esse conflito faz com que o comportamento do trabalhador renuncie as normas nas quais acredita com medo de perder o emprego, coopere mesmo

estando sobrecarregado, faz mais ao invés de prezar pela qualidade. O medo é inerente na relação homem-trabalho, o homem submete-se a sofrer alterações e modificações no seu Eu em favor das exigências das organizações, que muitas vezes não tem condições necessárias e obrigam o trabalhador negligenciar-se e abdicar de sua subjetividade. O medo de denunciar dá margem para o silenciar.

O homem deve abdicar seu prazer e viver um novo modelo em favor de um novo funcionamento social, como será melhor descrito a seguir.

4 CAPÍTULO III

4.1 PRINCÍPIO DE REPRESSÃO: RENÚNCIA DO PRINCÍPIO DE PRAZER

O princípio de repressão surge justamente para reprimir o homem impedindo-o de tornar-se o seu próprio senhor. O medo de ousar o restringe ao isolamento, faz com que o indivíduo evite ao máximo possível conflito. O medo de ser diferente, de pensar fora do que é considerado um padrão social induz ao respeito à autoridade.

O termo *Mais-Repressão* refere-se à dominação pelo capital que eleva a repressão a tal nível que ultrapassa o que é preciso: “as restrições requeridas pela dominação social. Distingue-se da *repressão* (básica): as “modificações” dos instintos necessários à perpetuação da raça humana em civilização.” (MARCUSE, 1972, p. 51).

O indivíduo adapta-se a uma realidade não justa, o papel do capitalismo é fornecer meios no qual o medo seja introduzido ao indivíduo, mesmo que insatisfeito, sintá-se realizado sem o realmente estar.

Conforme Marcuse (1972), a realidade repressiva é justificada pelo fato que o trabalho só é possível com a repressão das pulsões, porque é através dele que se pode conceber a satisfação das necessidades básicas para sobrevivência.

O trabalho realizado sob determinadas situações podem causar riscos e doenças no trabalhador. Assim, a fonte de sustendo torna-se a causa de enfermidade do trabalhador. Nesse sentido, o trabalho conquista espaço na psicanálise.

O desamparo psíquico causado pelo medo traz para a vida do trabalhador consequências avassaladoras, o sentimento de catástrofe eminente e impulso para fugir são constantes na vida do trabalhador. O sistema cria através do medo inibições e restrições na vida do homem, isso ocorre de maneira tão intensa a ponto de condicionar as ações do homem que vive em estado constante de apreensão e medo.

O medo intenso provoca períodos longos de desconforto e o medo de enlouquecer reprime as ações do homem e este, em momentos de exposição ao estresse perde o controle da razão, aflorando assim suas emoções, reflexos e ações instintivas.

Queixas físicas são decorrentes de longos períodos expostos ao medo, isso

desencadeia também o sentimento de inferioridade e dependência ao emprego.

Uma vez que o capitalista percebe que a manipulação de alguns fatores psicológicos, como no caso do medo, são decisivos para aumento da produtividade, manifesta com grande ímpeto nas aplicações de termos como motivações e satisfação no trabalho que contribuem de certa forma surgimento de sentimentos que facilitam o processo de alienação do trabalhador.

Alheios aos produtos gerados por seu trabalho, o indivíduo vê como única recompensa pelo seu trabalho o próprio salário. Torna-se alienado o trabalho dentro das organizações porque sujeita o indivíduo a essa realidade e impede-o de transformar e combater essa realidade a partir de suas ações retraem demonstrações das ideias e sentimentos.

O trabalho visto como condição de sobrevivência é um fator importante para constituição do homem e, entretanto, a sociedade que é o resultado do trabalho do próprio homem, não cumpre com a promessa de uma autonomia dos trabalhadores e como suas ações rompem com a conscientização e esclarecimento consolida-se o trabalhador com a subjetividade fragilizada.

A fragilidade do sujeito é agravada quando, conforme sua evolução, o princípio de realidade toma o espaço do princípio de prazer, essa transformação é descrita por Freud, segundo Marcuse (1972) da seguinte maneira:

DE	PARA
Satisfação imediata	Satisfação adiada
Prazer	Restrição do prazer
Júbilo (atividade lúdica)	Esforço (trabalho)
Receptividade	Produtividade
Ausência de repressão	Segurança

Para que se possa viver em sociedade, o homem é doutrinado para negar tudo que lhe é prazeroso (deve abdicar do princípio de prazer), assim, poderá produzir melhor quando suas energias estão voltadas para seu trabalho, apega-se a uma esperança de satisfação, o homem adquire seus bens materiais através da venda de sua força de trabalho (energia liberada), ele trabalha para que através de seu pagamento possa ter prazer. O trabalho é necessário para a sobrevivência, mas torna-se penoso e alienado uma vez que restringe o prazer e as atividades lúdicas (júbilo).

A gestão pelo medo incorporada na sociedade capitalista inibe o poder do trabalhador, por serem donos dos meios de produção, de acordo com Marcuse (1972 p.12), "... as autoridades raramente se vêem forçadas a justificar seu domínio. Fornecem os bens; satisfazem a energia sexual e agressiva de seus súditos".

A sociedade não é capaz de sustentar-se, assim, se faz necessário voltar as energias do indivíduo para o trabalho, pois, os instintos naturais do homem são incompatíveis com uma sociedade civilizada. Desse modo, é necessário que a sociedade capitalista reprima a libido para utilizá-lo para produção de bens.

Entende-se que, para que o indivíduo possa enquadrar-se na sociedade se faz necessário reprimir seus instintos, desse modo, suas necessidades não são satisfeitas. Quando esse objetivo primário é inibido, começa a civilização.

A explicação para a repressão dos instintos humanos segundo Marcuse (1972, p. 33), é que "O Eros incontrolado é tão funesto quando a sua réplica fatal, o instinto de morte. Sua força destrutiva deriva do fato deles lutarem por uma gratificação que a cultura não pode consentir...". O Eros aqui descrito pelo autor refere-se a toda forma de satisfação humana. O indivíduo é exposto a todo o momento, a uma repressão ou alguma espécie de controle desde seu nascimento até sua vida adulta.

No início, as pessoas são regidas pelo princípio de prazer, afastando tudo que traz dor, insatisfação e busca a gratificação, e o prazer, quando o indivíduo entra em contato com a vida social, nesse caso a realidade do trabalho, vende sua mão de obra e torna-se mercadoria, passa a respeitar, involuntariamente, o princípio de realidade que leva a evolução do sentimento do individual ao coletivo, o prazer para o trabalho, a espontaneidade para a dominação.

A renúncia ao princípio de prazer segundo a teoria freudiana é necessária para a produção de bens e evolução da sociedade. Para existir civilização deve existir meio para controlar e reprimir o próprio prazer.

A sociedade capitalista desenvolve-se e garante a sobrevivência dos indivíduos, através da geração do trabalho, através dele é possível gerar e reproduzir a dominação.

A dominação do indivíduo pelo capital é de suma importância, através dele o sistema transforma o trabalhador num ser alienado capaz de produzir sempre mais e sem questionamento. Quando se torna refém do capitalismo, o trabalhador submete-se a uma vida não merecida e nem desejada, mas uma vida manipulada pelos interesses do capital. Dessa forma os indivíduos internalizam necessidades que

parecem ser suas, mas que, na verdade, não são individuais e sim coletivas, socialmente geradas por interesses externos.

Marcuse acusa o capitalismo de reprimir o instinto de prazer, em benefício próprio.

...o interesse de dominação adicionou mais-repressão à organização dos instintos, sob o princípio de realidade. O princípio de prazer foi destronado não só porque militava contra o progresso na civilização, mas também porque militava contra a civilização cujo o progresso perpetua a dominação e o trabalho esforçado e penoso. (MARCUSE, 1972 p. 54)

A relação homem e trabalho são regidos pela repressão do princípio de prazer, pois o trabalho não se preocupa com as necessidades e as capacidades do indivíduo, mas valoriza a aquisição de mais capital e aumento da produção de mercadoria, com interesses que difere do indivíduo, portanto, a satisfação das necessidades é incompatível com a evolução da sociedade.

O homem sendo o fator mais importante na relação trabalho-riqueza, não é visto como tal, ele é exposto à situações que muitas vezes denigre sua identidade. A formação do indivíduo não é algo estático, assim sendo, não permanecerá o mesmo depois de vivenciar a realidade do trabalho.

Na gestão pelo medo predomina as emoções como: isolamento, ressentimentos, mágoas, confusão, dificuldade de verbalizar o sofrimento e sentimento de fracasso. O medo favorece o aumento do sentimento de culpa e de inutilização. A falta de vazão desses sentimentos causada pelo medo permite que o homem sofra e resulte em dores generalizadas e infelicidade.

Vivenciando essas agressões o homem sente medo, pois sempre se lembrará dos momentos de agressão, seja através dos sonhos ou pensamentos repetitivos e o isolamento ocorre para tentar esquecer o acontecido, evitando verbalizar o sucedido.

O sofrimento profundo causado pelo medo e adicionando o medo inerte ao cenário de desemprego em massa da sociedade atual prospera a submissão e o próprio medo nos trabalhadores.

A negação do princípio de prazer, restringido os impulsos é regida pelo princípio de realidade, ou segundo Marcuse (1972), “Princípio de Desempenho: a forma histórica predominante do princípio de realidade”, este por sua vez, conduz ao homem a realidade do trabalho, que toma grande parte de seu tempo e por suas

restrições distanciá-lo da vazão sexual da libido.

A sociedade capitalista cria mecanismo para desviar a libido do homem para seu próprio interesse, o trabalho. Quando o empregador encontra meios para que o trabalho seja um objeto de desejo do indivíduo, este investe tanto libido na produção que seu eu fica enfraquecido, a tal ponto que passa a fazer o que o empregador desejar, passa ser seu surdido. O desvio da libido do eu para o trabalho fortalece as barreiras para o medo e insegurança.

Qualquer satisfação que seja possível necessita de trabalho, arranjos e iniciativas mais ou menos penosos para a obtenção dos meios de satisfação das necessidades. Enquanto o trabalho dura, o que, praticamente, ocupa toda a existência do indivíduo amadurecido, o prazer é suspenso e o sofrimento físico prevalece. E como os instintos básicos lutam pelo domínio do prazer e a ausência de dor, o princípio de prazer é incompatível com a realidade, e os instintos têm de sofrer uma arregimentação repressiva. (MARCUSE, 1972 data, p. 51)

Com a evolução do trabalho, o homem deixa de viver sua própria vida para apenas desempenhar suas atribuições preestabelecidas no ambiente de trabalho. Segundo Marcuse (1972, p.58), a negação do princípio de prazer, ausência de gratificação, assim, como as restrições impostas à libido tornou o tempo dedicado ao trabalho como um tempo penoso.

Segundo Freud citado por Marcuse (1972, p. 36) o “princípio de prazer não só sobrevive no inconsciente, mas também afeta, de múltiplas maneiras, a própria realidade que superou o princípio de prazer”.

A racionalidade técnica tornou-se ferramenta para o domínio social, eliminou qualquer tentativa de ruptura e personificou a adaptação do indivíduo. A repressão da sociedade invadiu a psique do indivíduo. O trabalhador prende-se, por seu arbítrio, às formas de bem estar social e todo seu aparato produtivo. Desse modo, deixa de gozar da sua liberdade, a autonomia desaparece.

Sob o princípio de desempenho a dominação foi crescente e não limitou-se tão somente aos instintos do indivíduo, mas, sim sua consciência, este trabalha para essa dominação mas não por ela.

Enquanto trabalham, não satisfazem suas próprias necessidades e faculdades, mas trabalham em alienação. ... A libido é desviada para desempenhos socialmente úteis, em que o indivíduo trabalha para si mesmo somente na medida em que trabalha para o sistema, empenhado em atividades que, na grande maioria dos casos, não coincidem com suas próprias faculdades e desejos. (MARCUSE, 1966, p 58)

Quando ocorre a alienação, o indivíduo é educado e coagido a submeter-se sem questionamento aos novos valores e crenças que independem dele, perde a consciência do seu verdadeiro Eu, perde-se de si mesmo, passa a viver em função do outro, nesse caso, do emprego. A submissão ao trabalho é fortalecida pelos alicerces pré-estabelecidos pela civilização.

Segundo Marcuse (1972, p. 114), “Historicamente, *Logos* de dominação liberta mais do que reprime a vontade de domínio”, assim, a repressão e a privação se auto justificam “a direção dessa vontade é que era repressiva no sentido da renúncia produtiva que fez os homens escravos de seu trabalho e inimigos de sua própria gratificação”.

A evolução do sistema capitalista em vez de entrar num estado de igualdade e felicidade acentua cada vez mais a diferença de classes, a marginalidade e as doenças e são indiferentes a ignorância do indivíduo.

Diante dessa realidade se faz necessário o entendimento das satisfações do homem como um ser social e trabalhador e quais as consequências e influências da repressão no estado emocional do homem. Explicar através de quais ações é possível reprimir a rotina do trabalhador e como é possível controlar seus instintos e mobilizá-los para o trabalho. Assunto para o próximo capítulo.

5 CAPÍTULO IV

5.1 A NOÇÃO DO TRABALHO PARA A SOCIEDADE

No cenário de instabilidade, complexidade e incerteza no mundo do trabalho, a segurança de estar empregado é nula, as empresas mudaram de especialista para flexível, assim, passam a requerer mais habilidade do trabalhador que se torna polivalente. A imposição da diversidade de aptidões aos trabalhadores (trabalhador polivalente) é necessária pela ampliação de tarefas e funções desenvolvidas pelo mesmo.

Nem sempre as atividades desenvolvidas pelo trabalhador correspondem ao que ele foi contratado, submetem-se as regras impostas pela empresa. As tarefas que não exigiam muito, hoje, evoluíram para além do trabalho manual exige-se o intelectual, o pessoal.

Dejours (1999) relata que nenhuma empresa se mantém sem a intervenção do homem, que altera a organização do trabalho prescrito (ordens de como proceder, manuais, definições de comportamentos), que para evitar a defasagem, numa situação real é impossível prever o que acontecerá. E com base nestas necessidades é feita alteração na organização real (ação conforme interpretação dos “executores”).

De acordo com Dejours (1999, p. 56), “... Em outras palavras, o processo ou trabalho só funciona quando os trabalhadores beneficiam a organização do trabalho com a mobilização de suas inteligências individual e coletivamente”.

A utilização dessa inteligência é em prol do trabalho real e com consentimento do trabalhador que infringe os regulamentos e as ordens de seus superiores, as indisciplinas e infrações que os trabalhadores introduzem favoreciam o processo de trabalho para que ele ocorra.

Uma fábrica, uma usina ou um serviço só funciona quando os trabalhadores, por conta própria, usam de artimanhas, macetes, quebra-galhos, truques; quando se antecipam, sem que lhes tenham explicitamente ordenado, há incidentes de toda a sorte; quando, enfim, se ajudam mutuamente, segundo os princípios de cooperação que eles inventam e que não lhes foram indicados de ante mão. (DEJOURS, 1999, p 56)

Desta forma a empresa toma para si, além do saber-fazer manual do

indivíduo, sua criatividade, a sua capacidade de improvisação e a criação de alternativas para execução de alguma atividade quaisquer. Além do trabalho físico as empresas exigem de seus trabalhadores o trabalho mental.

Neste contexto, a responsabilidade de estar empregado passa a ser do trabalhador. Depende dele desenvolver a sua capacidade de empregar-se. O único meio de o homem sentir-se seguro e aceito na sociedade provém da sua empregabilidade.

Indubitavelmente, quem perdeu o emprego, quem não consegue empregar-se (desempregado primário) ou reempregar-se (desempregado crônico) e passa pelo processo de dessocialização progressivo, sofre. Sabido que esse processo leva... doença mental ou física, pois ataca os alicerces da identidade. (MARCUSE, 1972 p 19)

Enfim, o desemprego tem como sua justificativa mais utilizada o “enxugamento do quadro de funcionários”, desse modo, o fim justifica o meio, o que é visto pela sociedade como algo sadio e bem intencionado, é aceito sem mais problemas, mas ninguém leva em consideração que os desempregados tem contas a pagar, filhos para sustentar e alimentos para comprar e suas finanças são calculadas conforme o que é recebido como salário necessário para sua sobrevivência.

Os novos contratados aceitam que devem destacar suas competências para permanecerem no emprego. Entretanto, não há segurança no amanhã, as perspectivas e planos futuros são exteriorizados.

...a concorrência entre trabalhadores a procura de emprego e assalariados estatutário, entre novos e antigos, torna-se cada vez mais acirrada, num contexto em que a reserva de mão de obra e de candidatos a substituto se afigura de tal modo inesgotável que a elasticidade do sistema parece capaz de suportar uma carga adicional de pressão sobre os homens, sem grave risco de colapso. O que explica a ponta de ironia que se detecta no discurso habitual dos gerentes. (DEJOURS, 1999, p. 55)

Assim, o trabalhador que auxilia tem seus esforços recompensados e seu trabalho reconhecido, dessa forma, a precariedade do trabalho utiliza-se da mobilidade a inteligência em troca pela gratificação.

Contudo, quando mais visível é a falta de emprego, quem consegue uma colocação, na medida do possível, aceitam condições adversas, com medo de reviver a angústia do desemprego. O trabalhador, pela necessidade de manter o

emprego e sob o controle do medo, evidencia seu bom desempenho aos empregadores e tentam afastar todos a qualquer custo, sejam pares ou subordinados, que sejam capazes de ameaçar sua estabilidade.

O medo rege a administração das empresas, mas a utilização desse sentimento tem limites e tempo de vencimento que muitas vezes não são precisos e previsíveis. A dicotomia do capitalismo, ao reduzir os trabalhadores, gera o desemprego, quem não tem renda não pode comprar e a premissa do capitalismo é o lucro adquirido pela venda de mercadoria.

Para o indivíduo a falta de dinheiro restringe suas relações sociais, o convívio social é progressivamente fechado, o grupo ao qual pertencia continua tendo condições financeiras de manter-se, o sentimento de inferioridade intensifica-se com a visão de quem um dia foi e quem agora é.

Devido à globalização, aceleração das mudanças no campo cultural, social e econômico o medo vivenciado é diferente das outras épocas. Hoje a moral, ética, valores e costumes sociais são modificados constantemente e numa velocidade sem precedentes, isso cria a falsa necessidade de consumo, decadência da sociedade e na vida moderna é algo perigoso para o homem.

No sistema capitalista utiliza-se do trabalho como provedor de renda, o emprego é a principal fonte para satisfação das necessidades, nesse caso o medo de não conseguir uma colocação ou uma re-colocação no mercado de trabalho está sempre presente, logo o emprego associa-se ao *status* social e a satisfação de suas necessidades individuais dá lugar para satisfação das necessidades da sociedade, da empresa.

O trabalhador que tem tarefas repetitivas, monótonas e medíocres, atividades sem sentido é facilmente manipulado, razão pelo qual a falta de significação e sensação de carência para o que fazem aumenta sua retenção pela gestão pelo medo.

O medo aumenta nos trabalhadores que estão empregados, há uma sobrecarga sobre esses profissionais que o redesenho das estruturas do trabalho preveem mais tarefas a serem desenvolvidas em menos tempo. Exigências que extrapolam a capacidade humana, o trabalhador despende seu tempo-livre, o qual não está no emprego, para trabalhar.

Ansiedade de “fazer acontecer” ultrapassa muitas vezes o limite aceito pelo corpo do homem e vai além do que é considerado saudável. A infelicidade do

trabalhador se dá quando ele é impossibilitado de executar tarefas que lhe faz bem. O emprego por muitas vezes, enclausura-o, quando extrai a perspectiva de um salário melhor, crescimento profissional e enfatiza o risco de exclusão da sociedade.

A exploração do medo é constante na relação homem-trabalho, pende mais para um dos lados, para o elo mais fraco, o homem, assim as empresas tentam camuflar ou banalizar essa exploração através de metodologias, conceitos e inovações na área de gestão de pessoas. Nesse caso, o sofrimento psíquico fica em segundo plano, visto que os frutos dessa exploração resultam lucratividade para a empresa.

Assim, o medo remete a um estado de incertezas e de uma carência de significado para a identidade, para existência, para o eu. O medo é peculiar, cria ilusoriamente uma realidade que dá amparo e sentido para tolerar a exposição ao sofrimento, que se pretende evitar. Essa tensão interna demanda uma resolução quando é possível enxergá-la, na cultura do consumismo, a insegurança busca apoio na garantia no progresso sugerido pela sociedade.

A manipulação da noção de felicidade é alicerçada desde os primórdios e naturalmente a propensão humana na busca da sua satisfação e felicidade incita o homem pender para o reconhecimento, conforme valores embutidos socialmente, através dos bens possuídos, ficando mais próximo do “conceito” de felicidade, auto-realização.

Condicionar o sentimento de realização a ideia de bem-estar, facilita mensurar a felicidade, que está associada aos bens adquiridos pelo indivíduo. A discrepância da igualdade torna o indivíduo vulnerável quando este é impossibilitado de alcançar seu objetivo, o ganho.

A uniformação dos sentimentos gera problemas na percepção da individualidade. Todos desejam consumir bens, seduzidos pelo consumo, são facilmente manipulados pelo capitalismo, para sanar suas necessidades buscam renda, o resultado de seu trabalho para trocar por bens, tentando, desse modo, sanar seus anseios, comprando e adquirindo.

O trabalho como fonte de renda transforma-se indispensável para livrar-se de toda angústia, sofrimento e desprazer e buscar veemente prazer.

Consequentemente, quando regidos pelo princípio de realidade, nas situações adversas no trabalho como desemprego, acúmulo de funções, conhecimento técnico, diversidade de pessoas, a exposição a sentimentos negativos

como inveja, rancor, ódio, entre outros, geram tristeza, dor, depressão e frustração.

A busca da satisfação pessoal ao deparar-se com uma barreira ou indício de insatisfação e infelicidade, a tendência é evitar, retraindo. O medo mostra-se na incerteza e receio de fracassar na obtenção do tão almejado prazer.

Enquanto a subjetividade é redesenhada, o trabalhador submisso ao desejo de satisfazer o prazer momentâneo, resultado da aquisição de objetos, vive o presente. Limita-se aquilo que lhe é imposto e reproduz as ações que lhe são concebidas.

Diante da impossibilidade de um ambiente facilitador e livre, imposições de regras repressivas, o trabalho deixa de ser uma atividade prazerosa fonte de construção e realização, para ser fonte de exploração, sofrimento físico e mental e de escravidão. O sistema de trabalho abala a vida do trabalhador a tal ponto que interfere na sua vida social e familiar.

A homogeneização das empresas desrespeita a individualidade, ao ouvir o dito popular: “vista a camisa da empresa” pode-se traduzir em: sejam todos iguais e produzam mais, esqueçam de suas vidas e anseios, a partir de agora você pertence a empresa e não a você mesmo. Ao criar um conflito interno, é possível ter duas respostas: continuar e se render às premissas da empresa ou buscar outra colocação.

Contudo render-se à cultura da empresa será necessário reproduzir o que é feito, sem questionamento. Apreensão se dá pela vontade de ser aceito pelo grupo e ser assertivo. Entretanto, a busca por uma nova colocação gera receio e insegurança, assim, a busca passa ser pelo que expresse mais segurança e um grau maior de satisfação. Nesse caso, o medo está em ter, ou não ter ou perder o que tem.

Avanços tecnológicos, novos modelos de gestão e produção prezam em produzir mais e em menos tempo, reduzir gastos, o homem visto como mercadoria, pode ser descartado e substituído por máquinas que são capazes de produzir mais e em menos tempo, abaixo demonstra um comparativo a grosso modo de homem/máquina:

Homem	Máquina
Atestado médico	Manutenção
Afastamento/férias	Adaptação ao novo maquinário
Reclamação: porque fazer	Manual de instruções
Trabalho de 8 horas	Trabalho de 24 horas
Aumento anual de salário	Gasto com manutenção
Intervalos	Produção interrompida
10 operários	1 máquina

Fonte: Adaptado pela autora

A intensificação das máquinas propõe a redução de operários, desse modo é crescente o medo do desemprego, da exclusão. O trabalhador rompe a barreira da sua individualidade, sua identidade e a vende junto com a sua força de trabalho. A perda do emprego implica também a perda da identidade, o mundo se desfaz em segundos, mesmo quando o emprego não traz satisfação à necessidade de fazer parte da empresa é maior.

A formação da identidade é definida pelo meio social ao qual o indivíduo esta inserido, depende da sua condição financeira, subsidiado pelo salário recebido. Afinal, a construção do homem é possibilitada por seus ganhos, conseqüentemente pelo seu status social.

Desorganização, instabilidade e as constantes modificações no mercado de trabalho acarretam para o indivíduo um enfraquecimento da sua identidade, que não é estática.

A vulnerabilidade da identidade impossibilita o indivíduo perceber-se e identificar em si, quais são suas limitações e possibilidades. A sua reconstrução, no caso de afastamento do trabalho, seja por doença ou dispensa do mesmo, implicara uma readaptação, ou seja, uma nova forma de produzir.

Suas expectativas e promessa de satisfação, realização e felicidades muitas vezes são aniquiladas.

A identidade deverá ser redescoberta e revivida, no caso de uma recolocação. O sentimento de não pertencer ao grupo é desorientador, sua nova identidade deverá ser esquecida, sua “camisa” jogada.

O romantismo faz com que seja lembrando unicamente das coisas boas vividas e para justificar o que não deu certo, culpa o próprio homem, pensamentos como: “deveria ter feito mais”, “poderia aprender mais”. A responsabilidade passa da

empresa para o indivíduo. Na nova ocupação, procura características que lá foram positivas e o negativo é esquecido.

Neste sentido, o indivíduo torna-se responsável por si, nessa posição o sucesso será resultado de seu esforço físico e mental, o único meio de assegurar sua empregabilidade é estar à altura das exigências do mercado de trabalho.

A falta de qualificação, sentimento de inutilidade e indignidade, redução do trabalho a uma ação robótica, resultam em trabalhadores indiferentes ao seu trabalho, perde sua significação.

A frustração de não ser bom o bastante abre espaço para o medo de rejeição. “Não poderei cometer os mesmo erros”, julgar as pessoas por sua experiência passada, as justificativas criam elos entre o que foi; o que é; e, o que poderia ser.

O sentimento de auto-desvalorização e fracasso profissional e pessoal impede uma avaliação realista da situação.

Em tais situações muitas vezes os trabalhadores não tem como saber se suas falhasse devem à sua incompetência ou anomalias do sistema técnico. E essa fonte de perplexidade é também a causa de angustia e de sofrimento, que tomam a forma de medo de ser incompetente, de não estar à altura ou de se mostrar incapaz de enfrentar convenientemente situações incomuns ou incertas, as quais, precisamente, exigem responsabilidade.” (DEJOURS, 1999, p. 31)

A perda da confiança no potencial necessário para executar alguma tarefa tem como consequência a dúvida de suas habilidades, assim fracassando no desempenho de suas atribuições na empresa. De acordo com Dejours (1999), nem sempre é possível identificar o que causa esta desestabilidade profissional, porque elas podem ter influência tanto interna como externa ao indivíduo, como também, situar com relação às marcas do trauma do nascimento e do *stress* no trabalho.

A perda de confiança faz com que o indivíduo seja menos produtivo e não produza lucros esperados, introduzindo tensões e medos no trabalhador.

Como um dos mecanismos de reestruturação produtiva e acentuação do sofrimento psíquico, o processo de reconhecimento contribui para amenizar ou piorar os sintomas da relação homem e trabalho. Como este é o fator intrínseco ao indivíduo sua falta acarreta sofrimento, dessa maneira:

Segundo Dejours (1999, p. 34), o reconhecimento não é uma reivindicação secundária dos que trabalham. Muito pelo contrário, mostra-se decisivo na dinâmica da mobilização subjetiva da inteligência e da personalidade no trabalho (o que é

classicamente designado em psicologia pela expressão “motivação no trabalho”).

Não reconhecimento do valor do homem no processo de produção, reduz a mão-de-obra, simplesmente a uma mercadoria que pode ser manipulada, moldada, substituível e descartável. Excluindo o sujeito, o homem torna-se vítima do processo. O trabalho alienado não tem significado, o homem busca sentido naquilo que exerce.

A exclusão e alienação ultrapassa propriamente o ato de unicamente realizar ou fazer uma tarefa, assim, impedindo a realização e satisfação do trabalhador.

Será que o trabalhador sabe o que é melhor para si? Ou seu direito de usar do livre-arbítrio é facilmente utilizado, manipulado pelo capitalista? Utilizando a ideia de Dejours (1998, p. 24), “... a falta de reações coletivas de mobilização que possibilita o aumento progressivo do desemprego e de estragos psicológicos e sociais, nos níveis que conhecemos atualmente”. A banalização do sofrimento é evidenciada pela indiferença que conduz a uma aceitação da situação, seja ela satisfatória ou não para o indivíduo.

Dada a valorização atribuída ao trabalho e movida pelo princípio de repressão, o tempo é um fator importante para o homem na sociedade capitalista, onde sua realização e satisfação estão vinculadas com o trabalho. Não há tempo a perder, conforme o dito popular “Tempo é dinheiro”, o homem dedica mais do que é necessário para realização do seu trabalho.

Nesse cenário se faz necessário a manipulação dos interesses e a formulação e construção e controle da identidade conforme o interesse de alguns, os dominadores do poder. O tempo é uma poderosa ferramenta utilizada para reter o trabalhador, mas qual será a consequência?

6 CAPÍTULO V

6.1 A IMPORTÂNCIA DO TEMPO PARA O HOMEM-TRABALHADOR

O tempo para os dois sujeitos, capitalismo e trabalhador, tem significações distintas; para o primeiro, tempo é uma fator indispensável para a produção, quanto mais produzir em menos tempo e quanto pagar menos por esse tempo, maior será a rentabilidade do negócio. Para o segundo sujeito, o trabalhador, o tempo é dominado pela forma opressiva pelo capital.

À noção de tempo atem-se a organização do trabalho que afeta a vida do trabalhador de forma drástica em múltiplas esferas, faz com que o homem siga o tempo das máquinas, do processo produtivo.

A redução da carga horária e com isso, favorecer o aumento do tempo livre, provoca no trabalhador novas opções para formação de suas identidades e satisfação de suas necessidades em outras fontes, desse modo, o trabalho perde seu espaço predominante na formação do indivíduo. Para Marcuse:

Essa qualidade refletiria a satisfação predominante das necessidades humanas básicas (mais primitivas no primeiro estágio, profundamente ampliadas e refinadas no segundo estágio), tanto sexuais como sociais: alimento, alojamento, vestuário, lazer. Essa satisfação seria (e este é o ponto importante) sem labuta — isto é, sem o domínio do trabalho alienado sobre a existência humana. (MARCUSE, 1972, p. 141)

O “ter que saber” para continuar empregado intensifica e ocasiona conflitos ao ver seu tempo de livre reduzido, o que desfavorece ao seu desenvolvimento e sua realização pessoal. Com isto, se estabelece uma tendência ao trabalho individualista, na qual o medo de perder posições e *status* o remete ao *status quo*, como o dito popular “não se mexe em time que está ganhando” acaba regendo sua vida profissional.

Para suportar situações conflituosas e contraditórias, o indivíduo cria mecanismo de defesa a fim de tolerar e permanecer no trabalho. Para Dejours (1999), essa tolerância é fomentada contra o sofrimento. Sendo que a inibição da visão crítica e a homogeneidade da conduta moral estabelecem um vínculo de aceitação do sofrimento e a injustiça social.

Contudo, a dicotomia da relação: homem x trabalho, conceitualizada pela

necessidade e desejos do trabalhador e a opressão contida na organização do trabalho, será restringida.

Nas condições primitivas, a alienação ainda não se revelou, por causa do caráter primitivo das próprias necessidades, o caráter rudimentar (pessoal ou sexual) da divisão do trabalho, e a ausência de uma especialização de funções institucionalizadas e hierárquicas. (MARCUSE, 1972 p. 141)

A fonte de satisfação é a mesma que bloqueia através de práticas repressivas a realização dos desejos do indivíduo. Conseqüentemente, o modo de vida imposto pelo sistema capitalista faz com que os indivíduos queiram e tentem fugir dessa rotina estressante e integrar a necessidade e prazer, mas raramente é possível.

Muitas são as obrigações impostas ao trabalhador, à parte de seu interesse ou muitas vezes de sua carga horária. Além de dispor seu tempo na empresa, deve fazer trabalhos em casa, planejar as atividades do próximo dia e através de estudos renovar-se e investigar inovações para melhorar sua prática, ou seja, prolonga o tempo que é dedicado ao trabalho e deveria ser utilizado para seu lazer. Entretanto, é excluído de decisões importantes na empresa na qual é considerado um mero executor das propostas inseridas por outrem.

O tempo dedicado ao trabalho ultrapassa o tempo do qual o trabalhador está na empresa, além das horas-extras, pode-se calcular o tempo de deslocamento, casa-trabalho, horário de almoço, reuniões fora do horário de trabalho, fins de semana dedicada aos amigos da empresa, há também aqueles que levam trabalho para casa.

Calculando 24 horas por dia, 8 horas dedicado ao trabalho, 4 horas de deslocamento, 1 hora de almoço com colegas de trabalho, 2 horas de reuniões ou horas extras, 2 horas destinadas ao pensar no trabalho quanto em casa, totalizando 17 horas diárias dedicadas ao trabalho.

Às 7 horas restantes deveriam ser destinadas ao lazer, mas são corretamente empregadas nas necessidades fisiológicas dos indivíduos.

O controle do tempo não permite ao trabalhador que recupere as energias para o trabalho. O condicionamento pela rotina fatigante e mecânica. Seguindo o pensamento de Marcuse:

Como a duração do dia de trabalho é, por si mesma, um dos principais fatores repressivos impostos ao princípio de prazer pelo princípio de realidade, a redução do dia de trabalho a um ponto em que mera porção de

tempo já não paralise o desenvolvimento humano é o primeiro requisito da liberdade. (MARCUSE, 1972, p 141)

O tempo dedicado ao trabalho exige disciplina às regras imposta pelas empresas que nem sempre condizem com os interesses do trabalhador, mas mesmo assim definem os interesses dos indivíduos que se submetem a esse poder se querem sobreviver. Segundo Marcuse (1972 p. 58), “O tempo de trabalho, que ocupa a maior parte do tempo de vida de um indivíduo, é um tempo penoso, visto que o trabalho significa ausência de gratificações, ou seja, negação do princípio do prazer”.

A tendência é o aumento da uniformização e padronização do trabalho, bem como definir o tempo dedicado ao trabalho pelo trabalhador. Para a uniformização e padronização do trabalho se faz necessário a extinção da autonomia intelectual, abolição da originalidade e ousadia, cronometrar o tempo gasto e eliminação do traço individual. Submissão ao modelo determinado controla a manifestação dos sentimentos, das emoções do trabalhador. Contudo, nem todos os trabalhadores aceitam, porém, o empregador utiliza-se de mecanismo para obrigar a que aceitem suas regras.

A felicidade deve estar subordinada à disciplina do trabalho como ocupação integral, à disciplina da reprodução monogâmica, ao sistema estabelecido de lei e ordem. O sacrifício metódico da libido, a sua sujeição rigidamente imposta às atividades e expressões socialmente úteis, e cultura. (MARCUSE, 1972, p. 18)

O trabalho visto como predominante, o indivíduo condenado ao trabalho, o faz sobre fadiga e esforço penoso. O sistema numa sociedade capitalista transformou a felicidade em algo inacessível, o trabalhador alienado por seu trabalho vê o tempo livre como uma moeda de troca. Assim o lazer limita-se pela aquisição, pelo ter. O lazer de caminhar com a família, aventurar-se na natureza, falar besteiras com os amigos, entre outros é substituído pelo consumismo, o lazer é manifestado pela “diversão comprada”, videogame, celulares, shoppings... .

O sacrifício proposto pela sociedade em trabalhar para tornar a vida mais fácil surtiu efeito, a transformação da natureza possibilitou uma vida onde o número maior de pessoas satisfazem suas necessidades humanas. Uma vida melhor para todos, essa é a crença do desenvolvimento. Conforme Marcuse (1972, p. 18), “O progresso intensificado parece estar vinculado a uma igualmente intensificada

ausência de liberdade”, a banalização do progresso oculta a insignificância do homem pelo próprio homem e padronização da vida, cria uma esperança irrealizável de uma sociedade livre, como Marcuse (1972, p. 18), relata as “realizações materiais e intelectuais da humanidade parecem permitir a criação de um mundo verdadeiramente livre.”

Dejours (1999) questiona a disposição do indivíduo frente ao cenário temeroso do trabalho que fortalece fenômenos como desemprego, marginalização social, abolição do pensamento crítico e amadurecimento da passividade, a injustiça e aceitação do mal. Na conceitualização do autor, a banalização é um fator de inibição da visão crítica e homogeneidade da conduta moral do indivíduo.

O tempo excedente ao trabalho pela centralização da cultura do trabalho e consumismo impõe ao homem a necessidade por produtos. A recompensa pelo trabalho está atrelada ao preenchimento de seu tempo livre a um consumismo que seja capaz de proporcionar um prazer imediato, satisfação de suas necessidades ou até mesmo realizações.

Mas esse consumismo não traz felicidade tão almejada, o medo é incorporado no desejo de superação para ser o melhor e único no que faz. Nesse cenário, onde a questão do estresse do acúmulo e aceleração de tarefas causada pela modernidade; no ter que aproveitar o tempo para aperfeiçoar; na esperança de alcançar o sossego; e no não ter dinheiro para isso ou aquilo, ou trabalhar mais para conseguir mais, é crescente o consumo e o sacrifício humano que, cada vez mais, esta distante e andando no sentido contrário da busca pelo prazer e a liberdade.

A manifestação das ideias da sociedade capitalista foi e é capaz de ajustar o medo e também o prazer dos indivíduos. E a empresa consciente de sua dominação o utiliza como uma poderosa arma para possibilitar e exercer livremente o poder praticando o cerco do homem.

Na medida em que a necessidade do trabalho é introjetada pelo capital cresce o policiamento, não da empresa, mas do trabalhador, pois é interno ao indivíduo.

Portanto, o tempo é essencial para aliviar as tensões, é fundamental para a saúde física e mental do trabalhador. A falta de tempo para a libertação das energias pulsionais provoca doenças, que senão tratadas podem gerar resultados catastróficos na vida do indivíduo. Quando o estado de angústia e medo está em um estágio avançado e não é possível resolver por si só, o trabalhador busca auxílio em especialistas, como o psicólogo.

Como visto, o sistema capitalista fornece um lazer organizado, que faz com que os homens pensem que estão fazendo o que desejam enquanto na verdade estão respondendo a uma estrutura já elaborada conforme o desejo do capital.

A problemática é que sempre haverá a necessidade de trabalhar, assim sempre haverá uma renúncia da satisfação. Mas essa renúncia poderia causar menos sofrimento se o trabalho não obstruísse o desenvolvimento das faculdades humanas. Os homens não vivem sua própria vida, mas desempenham funções preestabelecidas. Enquanto trabalham, não satisfazem suas próprias necessidades e faculdades, mas trabalham em *alienação*.

Neste sistema, o trabalhador aceita a repressão e até se acha feliz, muito embora sua realidade seja manipulada e controlada sua satisfação pulsional, graças à modernização e aperfeiçoamento das práticas exercidas.

Nesse próximo capítulo a explicação do inconsciente e como as esferas do Id, Ego e Superego auxiliam na ausência de oposição anulando quaisquer possibilidades de modificação desse cenário e contribuindo para o reforço desse comportamento.

No jogo da sociedade capitalista as forças que operam sobre o homem impulsiona-o a renúncias e perdas, onde o medo dá lugar as soluções dos problemas.

7 CAPÍTULO VI

7.1 DESCRIÇÃO DO INCONSCIENTE: ID, EGO E SUPEREGO

Cabe descrever os níveis de personalidade descritos por Freud (1923), mais precisamente o inconsciente onde está armazenado e contido os instintos humanos, as forças dos desejos e o comportamento humano. De acordo com Marcuse (1972, p 47), “as principais camadas da estrutura mental são agora designadas como id, ego e superego”.

O Id regido pelo princípio do prazer e o início do inconsciente é movido pelo desejo, sem julgar o que é certo ou errado, busca a satisfação espontâneo a qualquer preço, não comprometido moralmente livre do bom ou do mal. Sua maior preocupação é aliviar as tensões e livrar-se da dor e do sofrimento. Marcuse diz:

“O id está isento das formas e princípios que constituem o indivíduo consciente e social. Não é afetado pelo tempo nem perturbado por contradições; ignora ‘valores, bem e mal, nem moralidade’. Não visa à autopreservação: esforça-se unicamente pela satisfação de suas necessidades instintivas, de acordo com o princípio de prazer” (MARCUSE, 1972, p. 47)

O Id sendo os instintos que correspondem a vontade indomável, desimpedido na busca por prazer o Ego vem para controlar o Id, pensa em si, em seus benefícios. É o mediador do Id que o controla diante da sociedade para que se possa viver em harmonia. O Ego é racionalidade, existe para ajudar o Id em sua busca por satisfação e manter um nível mais tolerável das tensões enquanto interage com o mundo real.

Na concepção de Marcuse, Ego...

É o ‘mediador’ entre o id e o mundo externo. A percepção e o conhecimento consciente são apenas a parcela menor e ‘mais superficial’ do ego, a parte topograficamente mais próxima do mundo externo; mas, em virtude dessas instrumentalidades (o “o sistema perceptual-consciente”), o ego preserva a sua existência, observando e testando a realidade, recebendo e conservando uma “imagem verdadeira” da mesma, ajustando-se à realidade e alterando-a no seu próprio interesse. (MARCUSE, 1972, p. 47)

O ego é regido pelo princípio de realidade, é a ponte de equilíbrio dos dois

extremos: Id e superego. Assim a busca do prazer é substituída pela não exposição do sofrimento, do desprazer e leva em conta as condições exigidas da sociedade.

A explicação do Ego, segundo Freud é:

A importância funcional do ego se manifesta no fato de que, normalmente, o controle sobre as abordagens à motilidade compete a ele. Assim, em sua relação com o id, ele é como um cavaleiro que tem de manter controlada a força superior do cavalo, com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com sua própria força, enquanto que o ego utiliza forças tomadas de empréstimo. (FREUD, 1923, p. 37)

O Ego é racionalidade, existe para ajudar o Id em sua busca por satisfação e manter um nível mais tolerável das tensões enquanto interage com o mundo real. Conforme Freud (1923, p. 37) "... o ego controla as abordagens à motilidade – isto é à descarga de excitações para o mundo" e tem como objetivo proteger o Id.

Grande parte dos impulsos do homem é para saciar suas necessidades básicas e biológicas tais como: fome, sede, frio, calor e outros.

Porém, para a sociedade essas necessidades são insignificantes até o ponto onde isso se torna rentável, como o que comer e/ou o que vestir, dessa forma engloba hábitos disposto de certa maneira a normas e regras da sociedade capitalista.

Quando o trabalhador está infeliz com seu emprego, regido pelo Id, ele deseja mudar de empresa ou atividade, buscando a satisfação de seus desejos e a felicidade, o desejo e o medo nascem juntos, o medo de evoluir, do desemprego, da falta de dinheiro é a racionalidade do Ego.

Nesse caso o ego impede o trabalhador a buscar uma nova oportunidade, segundo Marcuse (1972, p.66), "... o principal papel do ego é coordenar, alterar, organizar e controlar os impulsos instintivos do id", pois, o Ego controla suas vontades para evitar conflitos com o que é considerado socialmente aceito e alterando sua percepção da realidade "mudando o seu objeto, retardando ou desviando a sua gratificação, transformando o seu modo de gratificação, amalgamando-os com outros impulsos etc." faz com que o trabalhador aceite sua situação atual, com conformismo onde a promessa de segurança prevalece.

Mas a sociedade não só reprime como intensifica esse medo, o Super Ego:

Ora, as “restrições externas” que, primeiro, os pais e, depois, outras entidades sociais impuseram ao indivíduo são “introjetadas” no ego e convertem-se na sua “consciência; daí em diante, o sentimento de culpabilidade – a necessidade de punição, gerada pelas transgressões ou pelo desejo de transgredir essas restrições (especialmente, na situação edípica) - impregna a vida mental. (MARCUSE, 1972, p. 49)

Agora o superego é moldado conforme os interesses da sociedade, que reprime o comportamento não adequado e fica sujeito a punições, imposições de regras e comportamentos instruídos desde a infância. São as verdades que lhe contam sobre o mundo, sobre a realidade na infância que perpetuam no seu inconsciente e define como agir quando adulto. Assim, ele tenta adiar e inibir a busca pela satisfação, o Id.

Em outras palavras, o superego censura e reprime os impulsos, proibições infligidas ao Id, determinado primeiro pelos pais e depois pela sociedade.

Sentir medo faz parte da vida do homem, é uma reação natural, se faz necessário estar alerta quando essa emoção pode afetar negativamente sua vida.

O desejo de ter uma vida melhor ativa como resposta o medo, que com o auxílio da repressão impede um comportamento de risco e pretende aniquilar as possíveis consequências desagradáveis.

Pensamentos regidos pelo Id: “Vou mudar de emprego”; “Pedirei um aumento de salário”; “Sou bom mereço coisa melhor”; por outro lado, analisando a situação na qual o trabalhador encontra-se, prevendo as consequências de suas ações, há ativação de um alerta para possíveis riscos e perdas acrescido de suas ações contrapõe-se: “Não mudarei de emprego, o mercado não está aquecido”; “Não tenho tanta qualificação para querer algo melhor” ; “Fulano ainda está desempregado” ; assim, cabe o Ego decidir se favorecerá ao Id (realização instantânea) ou ao superego (não realização).

O homem sente medo do superego, por mais que o desejo não se concretize ele permanece vivo, assim, o sentimento de culpabilidade torna-se fonte de sofrimento, resultado da proibição de seu desejo. Marcuse (1972, p. 100), afirma que a não gratificação dos desejos provoca agressividade, ainda completa esta afirmação: “A coesão social e o poder administrativo são suficientemente fortes para proteger o todo da agressão direta, mas não bastante fortes para eliminar a agressividade acumulada”.

O medo crescente na sociedade capitalista eleva o número de trabalhadores

inseguros que reduzem sua qualidade de vida por conta do capital que também compromete a tão sonhada democracia. O medo social submete o homem a construir uma sociedade igualitária, a um falso sentimento de coletividade, onde o que se prepondera na verdade, é o egoísmo.

Enquanto o homem está numa posição confortável, o outro que está abaixo dele não faz diferença, a única preocupação é com quem tem mais, assim, incentiva sempre querer mais, deseja o que o outro tem.

Esse confinamento a um lugar seguro, aqui o emprego, consequência do medo, este integrado na sociedade pelo próprio homem. Esse medo tem como finalidade limitar o homem a interesses sociais ou de um grupo de forma ostensiva ou velada, esses interesses visam dominar, submeter e controlar o homem ao sistema capitalista que usam instrumentos de coerção e intimidação, dessa forma, a sociedade capitalista intensifica-se e corrompe o homem.

Desacreditado e acuado pelo medo, o trabalhador se vê confinado no seu emprego, mesmo a empresa destruindo suas formas de sociabilidade e impossibilitando alcançar o sentimento de prazer. Enfim, auxilia na destruição da identidade e nega o acesso da satisfação das necessidades do trabalhador.

O medo é um produto de uma sociedade injusta, discriminatória, desleal e contraditória. Fruto na verdade, do interesse e poder de um seletivo grupo que o utiliza para refrear e conter a mão de obra do trabalhador.

8 CAPÍTULO VII

8.1 O SOFRIMENTO PSÍQUICO

Em alguns momentos da vida profissional o indivíduo está sujeito a viver situações difíceis e de sofrimento que aflora o medo de não suportar ou até mesmo de perder o controle. Isso pode ocorrer por causa do desemprego e/ou desmotivação, na adaptação, insegurança e dúvidas sobre suas escolhas. Nessas situações estressantes o indivíduo não percebe a possibilidade de resolver sozinho essa situação.

Na verdade, o indivíduo necessita de apoio embora o sofrimento seja causado por seu emprego, a empresa piora essas condições, excluindo-o e discriminando-o, tornando ainda mais difícil esse momento.

A sociedade obriga os indivíduos aceitarem as características sociais e afirmarem suas implicações na formação da identidade do indivíduo.

Quando vem à tona a compreensão do que causa o sofrimento, o indivíduo tenta retornar ao seu estado inicial, o princípio de prazer nessa abordagem Marcuse afirma:

O que a civilização domina e reprime - a reclamação do princípio de prazer - continua existindo na própria civilização. O inconsciente retém os objetos do princípio de prazer derrotado. Rechaçada pela realidade externa ou mesmo incapaz de atingi-la, a força total do princípio de prazer não só sobrevive no inconsciente, mas também afeta, de múltiplas maneiras, a própria realidade que superou o princípio de prazer. (MARCUSE, p. 36)

O conflito entre o princípio de prazer e o princípio de realidade juntamente com as condições que as empresas oferecem aos trabalhadores, influencia nas relações humanas onde se destaca o sofrimento humano causado pela labuta.

Ao encontrar um comprador para sua “mão-de-obra” o indivíduo se insere num ambiente cuja construção ele não participou. Esse cenário, nesse caso, é o sistema capitalista, planejado, constituído e propagado pelo próprio homem. Ou melhor, explicado por Marcuse (1972, p. 37), “a subjugação efetiva dos instintos, mediante controles repressivos não é imposta pela natureza, mas pelo homem.”.

Para aceitação do sistema, o indivíduo é educado e preparado ao longo de sua experiência, internalizará e se apropriará dessa realidade para que possa: agir,

contribuir e construir esse cenário capitalista que não é estático.

Do ponto de vista do Marcuse,

O que principiou como submissão pela força cedo se converteu em 'servidão voluntária', num sistema que preza pelo capital em que a dignidade humana é degradada de o valor do trabalho enaltecido a escravidão é aceita e a "colaboração em reproduzir uma sociedade que tornou a servidão cada vez mais compensadora e agradável ao paladar. (MARCUSE, 1972, p. 15)

A história do homem é a história do trabalhador. É através do trabalho que o indivíduo e define sua posição e aceitação na sociedade. Existem indivíduos que não concordam com a forma que o capitalismo trata seus voluntários e propõem-se a romper tais conceitos. Assim, como as pessoas modificam-se, nada é eterno, enfim, as ações podem transformá-lo, há esperança de recuperar o prazer que lhe é roubado.

CONCLUSÃO

Com este trabalho conclui-se que o medo é a reação da mente a determinados estímulos e situações operando inclusive importantes funções no mundo do trabalho. O desejo de conseguir um emprego para alcançar uma vida estável e bens materiais torna-se um objetivo de satisfação, todavia, do mesmo modo essa fonte de realização converte-se em ameaças e doenças, operacionalizadas pelo medo do desemprego e perda de posições social e econômica. Esse dualismo satisfação e medo se não observado e cuidado origina o desequilíbrio mental. O exemplo é a ansiedade de alcançar recolocação, reconhecimento e valorização que a simples consciência do perigo ou a ameaça de seu desejo não ser realizável, torna o trabalhador vulnerável e dependente.

O medo nasce por um estímulo externo que gera estresse e ansiedade, partindo do pressuposto da multiplicidade de situações na qual ele se torna visível e se manifesta. Na vida profissional ou pessoal, ele é capaz de interromper o processo de racionalização, impedindo e reprimindo o homem na sua busca por satisfação. Do ponto de vista interno, ao analisar o inconsciente de cada um busca-se responder o que é e o que se deseja. O autoconhecimento contribui para traçar objetivos e avaliar o conhecimento adquirido pela prática, estudos e observações, tornando mais segura e assertiva sua capacidade de decidir.

Contudo, o não conhecimento e/ou a incapacidade do homem de administrar seus estados emocionais pode ocasionar o medo excessivo e passa a desencadear fobias, desse modo limitando-o em suas atividades rotineiras a não correr riscos.

A aceitação desse sentimento pode partir do próprio homem, vindo de uma educação repressiva e punitiva denotando o sequestro da subjetividade em prol da utopia de seres socialmente livre. A aceitação desse modelo repressivo que foi demonstrado ao longo desses capítulos determina a continuidade da repressão e do repressor.

Como demonstrado, o conflito vivenciado do confronto do princípio de realidade (marcado pelo mercado de trabalho onde a busca do mais produtivo e excelência do desempenho são prioritárias), contra o princípio de prazer (o desejo do trabalhador que se manifesta nas necessidades, interesses e a busca pelo prazer), transforma o homem em um ser não crítico e passivo as situações diversas

no ambiente de trabalho.

Diante dessa problemática do medo o trabalhador busca justificativas para as situações desconfortáveis e desagradáveis que ao longo de sua trajetória propiciam riscos e obrigam o trabalhador aceitar o ritmo acelerado de produção, exigência de elevado desempenho e engrandecimento da produção. Nesse caso, a falta de energia gerada pelo medo faz com que o trabalhador negue e minimize esses problemas, pois resolvê-los envolve exposição à perda de suas atribuições e até mesmo demissão.

A constante necessidade e solicitação de adaptação requerida ao homem, faz dele parte desse ciclo vicioso de mudança: Problema X Mudança X Solução X Problema. Essas exigências resultam em uma alteração de papéis sociais e o homem nem sempre está preparado para essa transição de papéis. Inevitavelmente essa mudança de conduta vem acompanhada do medo de não ser capaz naquele determinado momento de transição.

Numa sociedade capitalista onde se preza pelo capital e valor gerado, o homem é apenas uma peça que, quando sua mão de obra não traz o resultado esperado, é substituído por uma peça nova. A progressiva exigência de realizar um bom trabalho e o medo de ser substituído faz com que o trabalhador acumule funções ao longo de sua jornada de trabalho. Esse medo tem como origem também nas mudanças imposta para vencer no mercado de trabalho. Abrir mão da usualidade para algo novo, não é uma tarefa fácil, principalmente quando o estado emocional do trabalhador esta ferido.

Na busca pela satisfação das necessidades, o trabalhador fica sujeito aos novos modelos de produção que utilizam meios de comunicação em massa para a disseminação de uma ideologia alicerçada nos valores capitalistas. Retenção do trabalhador a esse sistema se dá pela falsa noção de satisfação, que foi muito bem descrito por Marcuse nos capítulos anteriores.

Consequentemente, o medo tem seu espaço nesse modelo gestão, ele auxilia o processo de repressão, exerce um poderoso controle sobre os valores, desejos, libido e interesses do homem e o remete a trabalhos cada vez mais precários, facilitados pela inovação tecnológica, mas explorando cada vez mais as condições físicas e psicológicas do trabalhador, ou seja, testando seus limites.

A busca do homem para amenizar o sentimento de medo sujeita o homem a trabalhar em ritmo acelerado e intenso que o obriga assim, abrir mão do convívio

familiar e do descanso para as recompensas oferecidas pela empresa, que na verdade recompensas essas que auxiliam para reprimir e reter o homem no sistema.

O homem que discordar da dominação exercida pelo medo e não se enquadrar nesse sistema torna-se um objeto dispensável, sem utilidade e incapacitado para a sociedade, sendo para os olhos do capital um ser irresponsável e preguiçoso, o que fortalece a importância do trabalho.

Instalado o medo no ambiente de trabalho, isso repercute dentro e fora dele, atinge a vida familiar do homem, que em algumas vezes sofre separações conjugais, se utiliza de drogas lícitas ou ilícitas e tem seus filhos desamparados. Mas a única preocupação da empresa é com a atividade que desempenha.

O medo dissemina-se indiferentemente de empresas, organizadas ou desorganizadas, das estruturadas a mais desestruturadas. Mas ele se intensifica quando o próprio empregador finge que ele não existe e tolera-o, assim, encoraja o próprio funcionário a disseminar o medo e o expõe cada vez mais a essa situação.

Acima de tudo, o homem é um trabalhador e cidadão e isso é esquecido pelas empresas. A obrigação de respeito não é mutua, exigem isso do trabalhador, porém, não concede ferramentas que respeitem a dignidade e não auxiliam na edificação da personalidade moral do homem.

Conclui-se que só a conscientização dos trabalhadores dos fatores aqui apresentados não é suficiente para implementar modificações nas empresas gerenciadas pelo medo. As próprias organizações devem criar um espaço onde os trabalhadores possam dar vazão às suas queixas e propor, em conjunto com as empresas, possibilidades de mudanças. Neste contexto o trabalho do psicólogo pode oferecer ferramentas em direções a mudanças que favorecem os trabalhadores.

REFERÊNCIAS

BOCK, Ana M. Bahia. FURTADO, Odair. TEIXEIRA, Maria de Lourdes T. **Psicologia**: Uma introdução ao estudo de psicologia. 10.ed. São Paulo: Editora Saraiva, 1997.

CATANI, Afranio M. **O que é capitalismo**. 20. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1999.

CYRULNIK, Boris. **O murmúrio dos fantasmas**. Trad. Sônia Sampaio. 1.ed. São Paulo. Martins Fontes, 2005.

DEJOURS, Christophe. MONJARDIM, Luiz Alberto. **A banalização da injustiça social**. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 1999

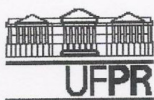
DEJOURS, Christophe. **A loucura do trabalho**: estudo de psicopatologia do trabalho. 4. ed. São Paulo: Cortez, Obore, 1991.

FREUD, Sigmund. **O Ego e o id**: sobre o mecanismo psíquico dos fenômenos histéricos. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

MARCUSE, Herbert. REBUA, Giasone. **A ideologia da sociedade industrial**. 3. ed. Rio de Janeiro, RJ: J. Zahar, 1969.

MARCUSE, Herbert. **Eros e civilização**: Uma interpretação filosófica do pensamento de FREUD. 5.ed. Rio de Janeiro. Zahar Editores, 1972.

TRÍADA. Exemplos de sucesso profissional. Disponível em: <
<http://www.triada.com.br/dinheiro-e-carreira/dinheiro-e-carreira/aq176-225-983-3-exemplos-de-sucesso-profissional.html#anc-pagina>>. Acesso em: 11/10/2011.



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
COORDENAÇÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA DO TRABALHO



Termo de Aprovação

Prof. Dra. Iara Picchioni Thielen
Coordenadora do Curso de Especialização em Psicologia do Trabalho
FUNPAR CNPJ 78.350.188/0001-95

ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA DO TRABALHO – UFPR
Praça Santos Andrade, 50 – 1º andar – sala 114
E-mail: psicotrabalho@ufpr.br
Telefone: 3310-2746

Especialização em Psicologia do Trabalho
Universidade Federal do Paraná
Departamento de Psicologia – SCHLA – PRPPG